

the cure
WILD MOOD SWINGS



recontado por
FÁBIO FERNANDES

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

the cure
WILD MOOD SWINGS

recontado por

FÁBIO FERNANDES

MARÇO DE 2008
VOLUME 55

MOJO
BOOKS

the cure
WILD MOOD SWINGS

recontado por

FÁBIO FERNANDES

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**
REVISÃO: **CAMILA KINTZEL**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **COBIACO**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Want
2. Club America
3. This is a lie
4. The 13th
5. Strange attraction
6. Mint car
7. Jupiter crash
8. Round & round & round
9. Gone!
10. Numb
11. Return
12. Trap
13. Treasure
14. Bare
15. It u sed to be me

WILD MOOD SWINGS THE CURE

LANÇAMENTO: **1996**
SELO: **FICTION RECORDS**



WILD MOOD SWINGS

— Quantos anos você tem? — perguntei ao japa.

— Por quê? — ele perguntou.

Dei de ombros.

— Nada.

Ele tomou um gole do seu chope.

— Trinta e dois — respondeu.

— Ah, tá.

— Por quê? — ele insistiu.

— Por nada.

— E você?

— Eu o quê?

— Quantos anos?

— Trinta. Fiz em maio.

Ele balançou a cabeça e cofiou a barbicha longa de oriental sinistro.

— Está entrando na crise, mermón?

— Que crise?

— A dos trinta, ora.

Foi a minha vez de tomar um gole do chope. Um gole bem longo.

— Que nada — respondi com a voz mais *cool* do mundo, que saiu um pouco esganiçada. — Essa crise não chega só aos quarenta?

Ele deu uma risadinha.

— Você está parecendo o Logan — disse o japa.

— Eu? — olhei para meus braços gordos e com poucos pêlos. — Se manca, Alan. Eu lá tenho cara de Wolverine?

— Ó, homem de pouca instrução cinematográfica – ele disse. — Eu estou falando do Logan do filme *Logan's Run*. Mais conhecido no Brasil pelo péssimo nome de Fuga do Século XXIII.

— Não desprestigie a minha classe.

— Você sabe que não são os tradutores quem escolhem os nomes dos filmes. É o pessoal do marketing das distribuidoras que faz o trabalho sujo.

— Mas o tradutor leva a fama.

— Não fuja do assunto. Lembra do filme?

— Mais ou menos.

— Não lembra. Se lembrasse não estava com essa cara de paisagem.

— Então me refresca a memória.

— Era assim: uma sociedade no século vinte e três, pós-holocausto nuclear, onde todos eram jovens, sarados e felizes. Tinham tudo o que queriam e faziam as maiores sacanagens. Ninguém era de ninguém e o que era melhor: não havia culpa. Fazes o que quiseres que é tudo da lei, saca? Pois é. Nada de moral judaico-cristã-freudiana e o caralho a quatro.

— Putz, agora eu estou lembrando. Tinha uma parada de morte no meio, não tinha?

— Sim, porque alguém tem de se foder. É da moral humana, ou pelo menos é o que eles querem que a gente pense. Enfim, o negócio era o seguinte: chegou aos trinta anos, fodeu. O indivíduo morria.

— Algum gatilho genético? Uma doença com hora marcada?

— Não, nada desse negócio de filhos da radiação. Filhadaputice pura e simples. Aos trinta, o indivíduo recebia uma puta festa de aniversário num estádio enorme, cheio de gente bonita, e, depois de muita comemoração, muita bebida, muita fodelança, zap! O sujeito era desintegrado.

— Agora eu me lembro. Mas os caras morriam era aos vinte e cinco anos.

— Não. Trinta.

— Vinte e cinco.

— Trinta.

— Quer valer quanto?

— O quanto você quiser, — o japa disse, tomando mais um gole do chope e acenando para o garçom. — Você é quem vai perder mesmo.

— A próxima conta, então.

— Está combinado — ele disse. — Da próxima vou pedir filé agridoce. O daqui é uma delícia, vem cheio de cebola, já provou?

Japa filho da puta.

Cheguei em casa, liguei a TV e o computador. Aquele papo todo de filme de ficção científica com o japa me deu inspiração pra terminar um conto:

O ano é 2019. Você coloca o fone de ouvido do seu Meta-iPod e consulta o *maplink* no seu *palm* implantado na própria palma da mão enquanto ouve uma seleção de velhos sucessos de acid house com ambient, trip-hop e samba partido-alto. Em seguida, envia pelo celular uma mensagem SMS para ela, que vai se encarregar de enviar o recado para a lista de discussão depois de voltar do rafting na represa. Em seguida, passa na academia para uma aula de spinning e depois dá um pulo na comic store para comprar o último TP póstumo de Alan Moore. Enquanto toma um café expresso ao lado, você acessa o site da sua livraria preferida e descobre que acabou de chegar o hardcover do Bruce Sterling que você estava tanto esperando; aproveita e faz o pedido na hora, debitando do seu crédito pessoal e com direito a um desconto por ser cliente preferencial – é o que dizem os knowbots da livraria, que reconhecem seu perfil e ainda te recomendam de quebra um pocket do William Gibson que você já tem, mas eles não sabem disso porque você mandou vir do exterior por outra livraria. Você atualiza essa informação para que eles não te encham mais o saco, e em seguida:

VOCÊ EXECUTOU UMA OPERAÇÃO ILEGAL

Merda.

Sempre me sinto Winston Smith quando isso acontece. Fico a espera da Polícia do Pensamento para invadir meu apartamento porque ousei executar uma operação ilegal. No caso de 1984, pensar já era, por si só, uma atividade ilegal. Aqui basta ligar o computador. Depois ainda tem gente que acha que essas máquinas irão, um dia, dominar o mundo. Porra, não conseguem dominar nem a si mesmas.

Quando a máquina acaba de reiniciar, entro no IMDB.com. Digito *Logan's Run* no mecanismo de busca e está lá: nada menos do que três resumos diferentes, escritos por fãs. O mais completo é este:

It is 2274. Some type of holocaust has decimated the earth, and the survivors sealed themselves into a domed city near Washington, D.C. To maintain the population balance, the computers that run the city have decreed that all people must die at 30. This system is enforced by "sandmen": black-clad police operatives who terminate (kill) "runners" (those who attempt to live beyond 30).

Merda. Ainda por cima vou ter de pagar um filé aperitivo para o japa.

— Está uma merda mesmo, mermón — me diz o japa ao terminar de ler o microconto.

— Eu sei, mas não estou conseguindo diagnosticar onde é que eu estou errando.

— Seguinte: em primeiro lugar, muda essa data.

— Por quê?

— É o mesmo ano em que se passa a ação de Blade Runner. Quem ler vai achar que você está de sacanagem.

— Pô, mas isso pode ser lido como uma referência.

— Não desse jeito e você sabe disso. Referência é algo mais explícito, é aquela piscadela pro leitor. Aqui a data passa tão batida que parece que você escolheu do nada, aleatoriamente.

E o pior é que foi mesmo. Eu havia me esquecido completamente que *Blade Runner* se passa em 2019.

— E tem outra – arremedou o japa. — Esse negócio de você misturar inglês com português...

— Porra, mas é assim que eu falo.

— E já deveria ter parado com essa mania faz tempo. No texto impresso esse negócio tem um aspecto hip fake, descolê forçado. Não faz teu gênero. Seu negócio é mais João Antônio, Rubem Fonseca, Glauco Mattoso. Curto, grosso e resvalando no pornô.

— Quer dizer então que você achou a coletânea uma merda.

O japa hesitou. O filho da puta hesitou. Mas pelo menos respondeu com honestidade:

— Não sei. Não diria isso não. Mas que alguns contos estão mal amarrados, estão. E falta emoção neles, estão muito esquemáticos.

— Mas eu tento fazer uma coisa ao estilo do OuLiPo . Viu a dedicatória ao Perec?

— Por falar nisso, você ficou de me emprestar o Vida: Modo de Usar e até agora niente.

— De jeito nenhum. Ainda estou amargando a perda por empréstimo do Exercícios de Estilo.

— Mas não foi pra mim que você cometeu a sandice de emprestar essa preciosidade. Esse livro do Queneau é raro, é difícil de encontrar até em sebos. E você sabe que eu tenho o mais profundo respeito e adoração por livros, jamais perderia o seu exemplar. No máximo, ficaria para sempre com ele.

— Agora é a sua vez de não mudar de assunto: continue o que você estava dizendo.

— Arrume um estilo seu e deixa de usar o dos outros. Além de tudo é ladrão.

Filho da puta.

— Falar nisso, mermón, – perguntou o japa – satisfaça a minha curiosidade lá com Logan’s Run: vinte e cinco ou trinta?

— Ok, você venceu, – bufo. – Trinta.

— Então paga e não bufa, faraó – o japa ri.

— Viado. Três anos que a gente se conhece e ele ainda não cansou de tirar sarro do meu nome.

Nome: Osíris

Idade: 30

Profissão: ex-jornalista, ex-redator publicitário, ex-tradutor de filmes, ex-roteirista de quadrinhos.

Ex-carioca.

Endereço: São Paulo

Estado civil: ex-casado

Altura: 1,72

Peso: ex-magro

Estado mental: ex-maníaco, ex-depressivo

Ok, eu sei, não tem a menor graça.

Mas não sei fazer ninguém rir. Só sei escrever pra fazer as pessoas chorarem. Ou pelo menos é isso o que eu tento. Mas até o momento só quem chorou fui eu.

Enquanto isso, na Sala de Justiça, está todo mundo declarando em seus *blogs* e comunidades que tem planos de dominação mundial, e eu só consigo me lembrar de duas coisas, na verdade três: do poema do Fernando Pessoa e da piada do Juca Chaves. E mesmo assim quase tudo pela metade. Lembrar mesmo, eu só lembro é da piada, e olhe lá. Imagine se eu iria conseguir decorar um poema inteiro do Fernando Pessoa. Eu só lembro mesmo do primeiro verso:

Nunca conheci quem houvesse levado porrada na vida

E por aí vai, do resto eu não lembro. Ah, e do fato de que o poema não é bem do Fernando Pessoa, mas de um dos heterônimos, Álvaro de Campos.

E eu sei exatamente porque consegui decorar esse verso. Só por causa do porrada. A primeira vez em que li esse poema foi aos quinze anos. Eu nunca havia lido um poema com palavrão.

Mas a piada eu me lembro muito bem. Ouvi ainda criança, numa fita cassete do meu pai, que me deu um esporro e sumiu com a fita quando me pegou ouvindo. Só fui encontrá-la muitos anos depois, coberta de mofo e além de qualquer possibilidade de recuperação. Mas ainda me lembro bem da piada:

Joãozinho estava na escola com os coleguinhas, e o Presidente Figueiredo foi visitar a classe. Lá chegando, a professora puxa-saco pergunta aos alunos: “Quem quer ser Presidente do Brasil levante a mão!” Toda a turma

levantou a mão, menos o Joãozinho, quietinho lá no canto. A professora, preocupada, pergunta: “Joãozinho, por que você não quer ser Presidente do Brasil?” A resposta do moleque: “Ué, professora, se todo mundo vai ser presidente, alguém tem de ser povo.” E a reação imediata do Figueiredo: “Segurança! Olho nele!”

Hoje essa piada não tem mais a menor graça. Quem é que lembra do Figueiredo? (Aliás, não foi ele mesmo quem disse “me esqueçam”, ou coisa parecida?) Está todo mundo preocupado demais em esquecer a política, a sociedade, essa piada em que o país se tornou. Eu idem.

A terceira coisa da qual eu me lembro? Os quadrinhos do Iznogud. Aquele árabe maluco que queria ser califa no lugar do califa. Eu não tenho tanta pretensão assim. Eu só queria publicar um livro.

Para quem quer viver de escrever no Brasil, só há dois caminhos: jornalismo ou tradução. Tentei os dois.

Virei muita noite na redação de um jornal de quinta, traduzindo e editando notícias da Reuters pro caderno internacional e tomando esporro do editor, porque a coisa nunca saía do jeito que ele queria. Ou era problema na tradução ou então eu não havia editado o texto direito. Um dia contei os caraminguás, pedi as contas e fui viver só de tradução, que sempre me

deu mais dinheiro.

Mas também nem tudo eram flores. Eu era senhor do meu horário, mas escravo dos prazos, e acabei não tendo mais tempo para escrever as minhas coisas. No fundo, titio Hemingway tinha razão: ser jornalista é a melhor profissão que existe se você quer deixar de ser escritor.

Quando a mania dos blogs estourou, eu já estava de mudança pra Sampa. Acabei criando um blog pra registrar as minhas idas e vindas do Rio e as agruras de um carioca na metrópole. Esse blog não durou muito, nem teve audiência, mas comecei a freqüentar alguns blogs literários e achei que ali tinha coisa. Até então eu nunca havia tentado escrever narrativas curtas, mas parecia que esse era o novo barato.

Então criei outro *blog*.

Que, claro, também não teve audiência nenhuma.

Mas pelo menos eu havia voltado a escrever.

Agora: em Sampa, lutando feito um filhadaputa pra conseguir alguma coisa que preste. Indo a todos os lugares, conversando com todo mundo. Ou tentando.

A esmola foi tão grande que o santo-do-pau-oco aqui até desconfiou: no auge da bolha da Internet, um conhecido me mandou um e-mail indicando

uma possibilidade de emprego.

O que me rendeu um ano e meio de trabalho numa empresa de Internet business. Ganhei tão bem que em menos de um ano consegui alugar um apartamento, comprar uns móveis e me mudar definitivamente para Sampa. E o pé-de-meia que eu fiz era o suficiente pra me sustentar durante um ano, caso tudo desse errado.

Deu.

Maldito onze de setembro.

Nunca vou saber ao certo até que ponto o atentado ao World Trade Center e a falência da empresa - que tinha investidores americanos - estavam relacionados, mas dois meses depois a empresa fechou as portas. E frila fixo não tem carteira assinada. O último pacote entregue gerou o último pagamento, e depois tchau e benção, melhor sorte da próxima vez, coisa e tal. Sem fundo de garantia ou coisa do gênero. A poupança teve de render.

Mas, como diz a canção, todo amor um dia chega ao fim. Amigo é pra essas coisas.

Só que eu não tinha amigos em Sampa.

Alguns conhecidos sim, vá lá. Colegas de trabalho não, nem pensar: todos uns babacas de terno e gravata e com cabelinhos emplastados e lustrosos, penteados pra trás com tanta eficiência que pareciam esculturas. Uma chefe sapata (não assumida), um editor de conteúdo arrogante e futriqueiro (viado, não assumido), um programador com tendências

suicidas (assumidas), uma repórter gostosinha mas porralôca demais pro meu gosto, e todos conhecemos o ditado: nunca durma com alguém mais louco que você.

Eu já fui louco. Mas já faz muito tempo.

Foi na época da primeira faculdade. A gente se conheceu no lugar mais freqüentado: o Mosca. Um pé-sujo a duas quadras da faculdade em Ipanema. Eu costumava matar o último tempo da noite e ficar ali tomando uma cerveja com os colegas, sentado na mureta do prédio ao lado, um muquifo caindo aos pedaços. Eu sempre ficava estudando aquele prédio arcaico de três andares, tentando descobrir se aquilo ali ainda era habitado e como fazer pra arrombar a porta e levar alguma garota lá pra dentro. Era preciso também saber se havia ratos.

E eu me lembro exatamente de quem eu queria levar para lá. A Cigana.

Morena baixinha e magra, nariz tipo árabe, sempre com uns vestidos “ripongas” que escondiam as curvas do corpo, mas não conseguiam disfarçar o par de seios espetacular que ela tinha. Passei dois semestres fazendo marcação cerrada. Não comi, é claro.

E o engraçado é que eu nem me lembro do nome dela...

Porque foi nessa época que Sofia apareceu. De maneira rápida e violenta, como um meteoro em Yucatán. Para destruir pra sempre o mundo jurássico de *nerds* em que eu vivia e me apresentar a um universo novo. Foi a primeira mulher que amei de verdade.

Até hoje não esqueço Sofia. Mas isso já faz muito tempo...

— Tem uma festa no Copan hoje, quer ir? — o japa me perguntou no dia seguinte.

— Não sei — respondi.

Fui, claro. Não me arrependi: entrei ao som de “Love Will Tear Us Apart”. Não sou saudosista, mas o *britpop* dos *eighties* mexe comigo de uma maneira visceral. Costumo dizer a quem me pergunta que não sei por que, mas é claro que sei. Eram as músicas que tocavam na época em que conheci Sofia.

Mas eu não estava ali pra melancolia. Peguei uma lata de cerveja e fui me juntar ao ciborgue, que estava conversando num canto com Lex Lilith e duas garotas. O Lex Lilith é o Lex Luthor que deu certo. Meio jornalista, meio xamã, cínico de carteirinha, excelente observador do cotidiano. Apreendi muito com ele quando cheguei a Sampa.

— E aí, tudo bem? — ele me perguntou, sem tirar o indefectível charuto da boca. E, antes que eu respondesse (a pergunta, naturalmente, era

retórica), ele me apresentou às duas garotas.

O som estava tão alto que não ouvi os nomes delas. Tive quase que ficar cabeça-com-cabeça com a mais próxima para perguntar:

— Como é mesmo o seu nome?

— Ísis. E o seu?

A *pickup* tocava “Charlotte Sometimes”. E naquele momento eu soube duas coisas: eu ia me apaixonar por aquela garota. E ia dar muito errado.

Eu não precisava ser nenhum profeta Gentileza pra prever a primeira coisa. Ísis era linda. Baixinha, magra, cabelos pretos ligeiramente encaracolados caindo até os ombros, olhos pretos com cílios grandes e uns lábios carnudos que davam vontade de morder. Parecia regular com a minha idade. As perspectivas eram boas; pelo menos eu não ia precisar ficar inventando papo descolê pra agradar. Comecei pelo começo e respondi:

— Osíris.

Não preciso nem dizer que eu já estava achando que ela ia pensar que era sacanagem da minha parte. Osíris, Ísis, panteão dos deuses egípcios, essa porra toda. Mas ela fez a última coisa que eu esperava. Abriu um sorriso.

— Ah, então é você?

Não entendi. Ela percebeu e continuou:

— Eu já tinha ouvido falar de você por uns amigos. Li um conto seu já tem um tempo.

— É mesmo? Qual?

— Não lembro o nome. Mas era aquele que saiu naquela revista de Curitiba. O do médico.

— Ah, legal, — “Idiota”, pensei. “É tudo o que você sabe dizer quando alguém finalmente diz que leu um conto seu?”

— Achei interessante você fazer uma homenagem ao Dalton Trevisan no conto e não citar o Vampiro de Curitiba.

— Eu tenho um conto sobre vampiros. Mas não cito o Dalton — “enfim uma resposta pseudo-inteligente!”, congratulei-me.

— E onde foi publicado esse conto?

— Ainda não saiu. Estou terminando uma coletânea. Os contos que saíram na revista foram meio que um balão de ensaio.

— Já tem editora?

— Ainda não. — E o se-colar-colou: — Acabei um conto esta semana mesmo. Mas não sei se ficou bom. Se quiser dar uma lida...

Os olhos dela se iluminaram.

— Quando você quiser.

Terminamos a noite lá em casa.

No dia seguinte, ela pediu para ler o conto. Fiz um café enquanto ela lia na tela do computador. Fingi que não estava nem aí, mas por pouco não derrubei a xícara no colo dela. Sentei ao lado e tomei meu café com uma displicência pessimamente estudada.

- Legal — ela disse quando acabou.
- Mas... — arrisquei.
- Mas você não acha que está sintético demais?
- Como assim?
- Eu te falei que também escrevo?
- Não.
- Então te trago uns contos meus depois pra você ver.

E me puxou de volta para a cama. Se tivesse ficado só nisso teria sido ótimo.

— Porra, mermón, esse conto está atroz — disse o japa. — Nem parece coisa tua.

- Não é — eu disse.
- De quem é?
- Da Ísis.

O japa ficou em silêncio, tomando seu chope. Ísis estava se tornando

uma zona de crepúsculo, daqueles assuntos que não devem ser ditos. No começo pra mim estava ótimo: nunca gostei de ficar fazendo confidências pros amigos. E, convenhamos, o japa era supergenteboa, tal e coisa, mas amigo, amigo, não era. Nessas horas eu lembrava que não tinha amigos em Sampa. E era duro porque, às vezes, a gente precisa desabafar sem que a coisa se torne um episódio de *Friends* ou um filme do Woody Allen. E a história com Ísis estava ficando meio esquisita.

— Porra, esse seu conto está uma merda — ela me disse um dia.

Já estávamos juntos há seis meses. Ela praticamente morava lá em casa. Fodíamos todo dia. Eu quase não escrevia mais, meus prazos de tradução estavam indo pra casa do caralho e eu estava achando quase tudo lindo. Menos as críticas aos meus contos.

— Por quê? — perguntei mecanicamente. Já estava se tornando um hábito.

— Porque você é muito jornalista, muito sintético.

— Eu sei, você já disse isso.

— Você precisa colocar mais cor nos seus escritos, mais adjetivação.

— Como as suas histórias?

Aí ela abriu um sorriso.

— Isso.

Ela não estava entendendo que não era um elogio.

Ísis não chegava a escrever mal. O problema era o pouco tempo de estrada. Eu escrevia há uns dez anos, e tinha consciência de que a maioria da minha produção era fraca, ruim mesmo. Normal pra quem escreve: noventa por cento sai na urina. O que restar tá valendo, mas mesmo assim é preciso reescrever, ralar, virar a noite, correr mundo, correr perigo. Ela escrevia há menos de um ano, ou seja: havia começado a escrever pouco antes de me conhecer. E achava que conhecia todos os mistérios da criação. Citava Fante e Bukowski de orelhada, misturando com luminares do padrão Danielle Steel e Erica Jong de qualidade. Era de foder.

A merda toda era que eu estava apaixonado.

Na cama tudo era lindo, era maravilhoso. Se a gente não saísse da cama nunca seria perfeito. Mas bastava colocar o pé pra fora que as críticas começavam. “Eu acho que você não devia colocar aquele seu conto no concurso.” “Tá faltando advérbio.” “É muito resumo, muito sintético.” Mas, claro, eu

não podia falar dos contos dela.

— Como assim, este conto é ruim? — ela dizia. — É uma metáfora do cotidiano!

— Eu sei — eu respondia. — Mas está muito óbvia. E meio barroca.

Chegava uma hora em que ela não dizia mais nada. Fechava a cara e ficava sem falar comigo. Isso no começo, quando eu era um sujeito de sorte.

Um dia, ela entrou em casa com um texto encadernado em capa de PVC com espiral.

— Leia — ela me intimou.

Desta vez ela nem me deixou pegar a minha caneca de café, que era parte do ritual de leitura. Tive que sentar no sofá e começar a ler.

— É um romance? — perguntei enquanto começava a leitura.

— É — ela sorria de orelha a orelha. — Era surpresa.

— Ah, tá...

— Como assim “ah, tá”?

— Ah, tá legal, ora — continuei sem tirar os olhos do texto. Minha sorte era que o texto tinha apenas cento e vinte laudas e eu faço leitura dinâmica. Porque o texto continuava uma merda.

Mas como é que você diz isso para a pessoa que você ama? Tudo tem

limite, inclusive a verdade. Então menti.

— Muito interessante... — fiz minha melhor cara de intelectual francês (ainda sem tirar os olhos do manuscrito, claro).

O problema era que seis meses de convivência foram suficientes pra conhecer os códigos um do outro. “Interessante” é o que eu sempre digo quando não gostei de alguma coisa e não quero comentar por educação. Mas desta vez Ísis não bateu boca. Ficou olhando pra mim com uma cara cada vez mais incomodada. A transição do incômodo para o emputecimento foi quase imperceptível, mas eu também conhecia os códigos dela. Ficar em silêncio era muito pior do que gritar.

— Elabore — ela disse num tom gelado.

— Bom, a protagonista é uma mulher bem forte e decidida, e tem uma mensagem bem definida no contexto.

— Não me enrola, Osíris — ela se levantou subitamente e foi até a cozinha.

— Mas é verdade — eu disse, procurando mentir o mínimo possível. A protagonista era de fato tudo aquilo que eu estava dizendo. O problema era que o texto estava mal escrito, cheio de adjetivações inúteis, figuras de linguagem hiperclichês, e a tal mensagem da garota era um discursinho panfletário sobre o valor da arte e “poesia enquanto-a-nível-de emocional” que era um horror. Só que eu não consigo ficar calado sob pressão.

— Mas você podia mudar um pouco o tom dela — eu disse. — Talvez

fazer com que ficasse menos radical...

— A poesia e a arte são radicais! — ela gritou.

— Sim, mas esse tipo de discurso é Maiakovski, Rodchenko. Se você situasse essa história na Revolução Russa, aí sim, quem sabe...

— Você está me sacaneando?

Foi então que começou o quebra-quebra. Ela estava em pé na porta da cozinha, uma caneca de café na mão. Zuniu a caneca por cima da minha cabeça; a peça foi se espatifar na parede do outro lado. Eu e o sofá ficamos respingados de café.

Foi uma longa noite.

Ísis ficou sem falar comigo quase uma semana. Comunicávamo-nos apenas por monossílabos ou gestos, o que seria ridículo não fosse o ar trágico que ela conseguia transmitir pra tudo o que a cercava. Até os móveis eram trágicos: eu não podia mais me sentar à mesa do computador para trabalhar. Saía e ia andar pelo centro, pela Paulista, tomava o metrô e ia lendo (ou tentando) algum livro encontrado em sebo, um Caio Fernando Abreu, um Marçal Aquino, alguma coisa que me sacudisse da imobilidade ou que pelo menos não me deixasse tão sedado, tão amortecido. Quando começava a ficar cansado demais, voltava para casa com o coração na mão, aos pulos,

como se fosse direto para um sacrifício asteca. Mas toda vez em que eu pensava em pular fora da relação, lembrava imediatamente do carinho, do sexo, de como aquela mulher era incrivelmente amorosa e gostosa quando estava bem. E eu voltava a ter esperanças.

Mais um mês se passou. Ela voltou a falar comigo, mas alguma coisa na relação havia mudado. Ela havia voltado a sair com os amigos dela, voltava tarde pra casa, quase sempre trêbada. Eu não ficava muito atrás: voltei a sair com o japa, ocasionalmente tomava um chope com o Lex Lilith, também chegava em casa algumas doses acima da humanidade.

A quebradeira também foi ficando perigosamente constante. Depois daquela caneca de café, contabilizei dois pratos, um copo de vidro e dois bibelôs de louça que uma ex-namorada havia me trazido de Amsterdã. Ex-namorada que eu não via há uns oito anos e da qual Ísis, claro, passou a sentir um ciúme incontrolável. Na média, pouco mais de um objeto quebrado por semana.

A última volta da espiral descendente aconteceu no trigésimo terceiro dia após o episódio da caneca de café. Lembro bem disso porque era aniversário dela. Nós havíamos marcado um jantar no Ritz — com o resto da minha poupança, mas todo esforço era pouco para tentar fazer com que as

coisas voltassem ao normal - e depois iríamos a uma casa nova que havia sido inaugurada na Augusta, para ouvir um DJ conhecido nosso.

Saí à tarde pra comprar comida. Ela ainda não havia voltado do trabalho.

Quando voltei ao prédio, o porteiro se levantou apressado da cadeira e me disse “ainda bem que o senhor chegou. Os vizinhos tavam reclamando do barulho”.

Não respondi. Subi correndo pelas escadas. A primeira coisa em que pensei foi “essa filha da puta desta vez foi longe demais, deve ter quebrado o apartamento inteiro”. E eu só me perguntando qual o motivo dessa vez.

Quando entrei no apartamento, havia um leve cheiro de plástico e metal queimado. Componentes eletrônicos.

Custei a registrar a cena que encontrei no quarto, mas, resumindo, era assim: sobre a mesa, o monitor e a CPU do computador totalmente esstraçalhados, fumegando. A tomada na parede soltando faíscas alucinadamente. E Ísis caída em posição fetal no chão.

Corri até a tomada, arranquei-a da parede e me ajoelhei ao lado de Ísis. Ela chorava, tremia e balbuciava coisas que eu não conseguia entender. Tentei abraçá-la, mas ela não aceitava que eu a tocasse. Ficamos ali muito tempo, eu ajoelhado, ela deitada, até se acalmar.

Então ela se sentou e se levantou lentamente. Sem olhar pra mim, como se eu não estivesse lá. Chamei o nome dela várias vezes, mas ela foi até o

banheiro e ficou se olhando no espelho. As lágrimas ainda corriam.

Eu já estava começando a ficar mais calmo também. Calmo porque aparentemente ela não havia se cortado nem se machucado. Mas meu computador estava inteiramente destruído, e eu ainda não sabia se daria para salvar o disco rígido. Comecei a ficar nervoso outra vez.

— Por que você fez isso? — perguntei. Ela demorou, mas finalmente respondeu.

— Uma editora de Curitiba ligou. Eles querem publicar o seu livro.

Quem demorou a responder dessa vez fui eu. Ela aproveitou minha paralisia e foi até a cozinha. Fui atrás, tentando encontrar o que dizer. Ela pegou um copo, encheu de água e engoliu um comprimido.

— Você quebrou meu computador por causa disso? — consegui perguntar.

Ela se virou para mim e começou a gritar.

— Você acha pouco? Por que é que você está conseguindo publicar esse seu livro medíocre e eu não consigo publicar nem um conto na Web? Por quê? Quem é que você está comendo pra conseguir isso, seu merda?

Então a última volta da espiral se completou.

Depois, eu só conseguiria me lembrar da cena em câmera lenta. Como

um filme de Tarantino. Não, de Sam Peckinpah. Movimentos coordenados. Um balé. De sangue. Seria belo se não fosse a dor.

O primeiro tapa foi dela.

Isso nunca havia acontecido.

O segundo tapa foi meu.

Não bastou. Dei um empurrão nela. Ísis bateu contra a geladeira e caiu no chão. Ela se levantou com rapidez e voou pra cima de mim. O terceiro tapa foi dela.

A partir daí não houve mais tapa. Parti pra cima.

Foi como um sonho, um delírio. Só acordei quando vi minhas mãos no pescoço dela. Apertando. Muito. Então soltei Ísis. Cambaleei para trás, bati no fogão e me apoiei nele. Meu rosto queimava com a força dos tabefes. Ela, muito branca, estava agora com o pescoço roxo e as marcas dos meus dedos. O corpo muito magro ainda encostado na geladeira, as pernas dobradas pra frente, uma das mãos trêmulas, buscando um ponto de apoio na pia. A outra, espalmada sobre o diafragma. Buscando ar.

Eu também precisava de ar. Saí correndo do apartamento.

Eu não conseguia pensar em mais nada. O som das bofetadas ainda estalava nos meus ouvidos, amplificado a um nível incômodo, bizarro, como

o eco de um grito, o zumbido residual do impacto de uma explosão, ou de uma boa cafungada num lenço encharcado de lança-perfume.

Quando dei por mim estava no boteco da esquina. Pedi uma cerveja. Todo macho, metido a Hemingway. Querendo beber pra esquecer. Pensando em Sid e Nancy, sabendo de cara que a minha relação com Ísis não tinha isso tudo. Ou tinha?

Não agüentei mais que dois copos. O zumbido continuava, e junto com ele uma dor de cabeça insuportável.

Eu estava cansado do melodrama. Só queria voltar pra casa, conversar com ela e tentar resolver tudo da melhor maneira. Simples. Sem crise. Eu não tinha mais idade para essa porra.

Quando voltei, o apartamento estava revirado de alto a baixo. Na sala, o som e a tevê estavam no chão - a tevê faiscando com o tubo de imagem quebrado. Vidro por toda parte no carpete. Não sobrou um prato ou copo na cozinha.

Entrei no quarto e Ísis estava na cama. Os pulsos cortados.

Como Sofia.

Mas Ísis sobreviveu. Não sei dizer muito mais que isso, a não ser que a família dela – a mãe e um primo distante, era tudo o que ela tinha – me

considerava culpado pela tentativa de suicídio. Os poucos amigos dela também. Ninguém me deixou vê-la no hospital. Não insisti.

Depois daquela noite, fiquei muito tempo sem sair de casa. Parei de atender o telefone, parei de responder e-mails. Até que um dia as pessoas pararam de me procurar.

Melhor assim. Alguma coisa tinha de mudar. Os incomodados que se mudem.

Mudei eu. Fiquei sabendo que um conhecido estava se mudando de um apartamento perto da Maria Antônia. Um muquifo, mas não era muito diferente do meu, e o condomínio era mais em conta.

Cortei o cabelo bem rente. Emagreci. Fiquei doente.

Sarei. Não fiquei sarado. Continuei com cara de maltratado.

Tentei voltar a escrever. Não consegui. Custei a conseguir dinheiro pra comprar um computador novo e continuar com as traduções, e só fiz isso porque precisava comer.

Um dia alguém — não lembro quem — me disse que ela estava casada, morando em Belém do Pará e tinha dois filhos. E era feliz. Não sei se é verdade. Só sei que nunca mais vi Ísis.

Mas isso já faz muito tempo.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br